

Katharine McGee

**O Milésimo Andar**

Tradução  
Nuno Bombarda de Sá

 Planeta

Para a Lizzy



## Prólogo

*Novembro de 2118*

Os risos e a música morriam no milésimo andar à medida que até os convidados mais mal-comportados entravam aos trambolhões nos elevadores e se dirigiam para suas casas. As paredes de vidro eram quadrados de escuridão aveludada apesar de, ao longe, o Sol estar a nascer, tornando a linha do horizonte ocre, rosa-pálido e dourada.

Então um grito de rapariga cortou, de súbito, o silêncio, quando o seu corpo começou a cair, cada vez mais depressa, através do ar frio da madrugada, na direcção do solo longínquo.

Dentro de três minutos a rapariga colidiria com o cimento implacável da East Avenue. Naquele momento, porém, os seus cabelos esvoaçavam como uma bandeira e o vestido de seda rodopiava-lhe em volta das curvas do corpo, ao mesmo tempo que a sua boca vermelha formava um perfeito *O* de choque. Nunca a jovem fora tão bela como naquele instante.

Dizem que, antes da morte, as vidas passam-nos pelos olhos, mas enquanto o chão subia cada vez mais depressa na sua direcção, a rapariga só conseguia pensar nas últimas horas, nas horas que a tinham levado àquele fim. Se, pelo menos, não tivesse falado com ele, se não tivesse sido tão tola, se não tivesse ido ao milésimo andar!

Quando encontrou o que restava do corpo da rapariga e redigiu com mão trémula o relatório do incidente, o segurança sabia apenas que era a primeira pessoa a cair da Torre nos seus vinte e cinco anos de existência, que não sabia quem era ou como saía para o terraço.

Katharine McGee

O homem não sabia se ela caíra, se fora empurrada ou se, esmagada por segredos inconfessáveis, decidira saltar.

## Avery

*Dois meses antes*

– Fartei-me de curtir – disse Zay Wagner à porta da *penthouse* da família de Avery Fuller. Tinham estado no New York Aquarium, no andar 830, a dançar à luz suave dos aquários e dos rostos familiares. Avery estava-se nas tintas para o aquário, mas uma festa era uma festa, como dizia a sua amiga Eris.

– Também eu – retorquiu ela, inclinando a cabeça loura na direcção do *scanner* da retina, fazendo, assim, com que a porta se abrisse. – Boa noite – disse ela a Zay com um sorriso.

– Achas que posso entrar? – perguntou, estendendo a mão para ela.  
– Como os teus pais não estão cá...

– Desculpa – balbuciou Avery, escondendo o aborrecimento com um bocejo fingido. Zay passara a noite a tentar tocar-lhe. – Estou exausta.

– Avery. – Zay deixou cair a mão, recuou um passo e passou os dedos pelos cabelos. – Andamos nisto há semanas. Tens a certeza de que *gostas* de mim? – A jovem abriu a boca, mas decidiu não dizer nada, já que não fazia ideia do que havia de dizer. Uma expressão de irritação ou de confusão passou pelo rosto de Zay. – Já percebi. Até logo – disse ele, percorrendo-a mais uma vez com os olhos. – Estavas linda – acrescentou ele. As portas do elevador fecharam-se com um clique.

Avery suspirou e entrou no enorme átrio do seu apartamento. Antes de nascer, quando a Torre estava em construção, os seus pais tinham feito propostas agressivas para conseguir aquele último andar, o único com dois pisos em toda a estrutura. Aquele átrio era o seu orgulho, mas Avery

odiava-o, assim como odiava a maneira como os seus passos ecoavam e o brilho dos espelhos em todas as superfícies. A jovem não podia olhar fosse em que direcção fosse sem ver o seu reflexo.

Avery descalçou-se e caminhou descalça na direcção da sala, deixando os sapatos de salto alto no meio do corredor. Alguém, um dos robôs ou até Sarah, se aparecesse a horas, apanhá-los-ia do chão no dia seguinte.

Pobre Zay. Avery até gostava dele. O rapaz até tinha piada, até a fazia rir, mas não a fazia sentir nada quando a beijava.

O único rapaz que Avery *queria* beijar era aquele que nunca poderia ter.

A jovem entrou no seu quarto e ouviu o suave zumbido do computador a acordar para a vida, perscrutando-lhe os sinais vitais e ajustando a temperatura de acordo com eles. Um copo de água gelada apareceu em cima da mesinha-de-cabeceira, ao lado da cama antiga de dossel, se calhar devido ao champanhe que ainda lhe punha o estômago vazio às voltas. Avery não se deu ao trabalho de perguntar porquê. Depois da fuga de Atlas, a jovem desligara a função de voz do computador. Atlas dera-lhe o nome de *Jenkins* e o sotaque inglês. Falar com *Jenkins* sem ele era demasiado deprimente.

As palavras de Zay ecoaram-lhe na cabeça. *Estavas linda*. Tratava-se de um piropo, claro, já que o rapaz não podia saber que Avery odiava a palavra. A jovem passara a vida a ouvi-la da boca dos professores, dos rapazes, dos seus pais, ao ponto de lhe ter perdido o significado. Atlas, o seu irmão adoptado, era o único que não lhe dizia piropos.

Os Fuller tinham gasto anos e montes de dinheiro para conceber Avery. A jovem não sabia ao certo quanto tinha custado, mas imaginava que devia valer um pouco menos do que o apartamento. Os seus pais, de estatura mediana, aspecto vulgar e cabelos castanhos ralos, tinham contratado o maior cientista do mundo, um suíço, para lhes vasculhar o material genético e algures, nos milhares de combinações dos respectivos ADN, o homem conseguira encontrar Avery.

Por vezes a jovem interrogava-se o que teria acontecido se os seus pais a tivessem concebido de maneira natural ou se se tivessem dado ao cuidado de lhe perscrutar apenas eventuais doenças, como a maior parte das pessoas dos andares superiores; teria herdado os ombros magricelas

da sua mãe ou os grandes dentes do seu pai? Pierson e Elizabeth Fuller tinham *pago* uma filha com cabelos louros cor de mel, pernas até ao pescoço, olhos azuis profundos, a inteligência do pai e o espírito perspicaz da mãe. Atlas costumava dizer que a teimosia era a sua única imperfeição e ela desejava que, de facto, tal fosse a sua única imperfeição.

A jovem agitou os cabelos, prendeu-os num carrapito, saiu do seu quarto, na cozinha abriu a porta da copa e estendeu a mão para o painel mecânico dissimulado que descobrira anos antes, quando estava a brincar às escondidas com Atlas. Avery nem sabia se os seus pais tinham conhecimento dele, já que pensava que eles nunca tinham posto ali os pés.

A jovem empurrou o painel de metal, fez aparecer uma escada na estreita copa e, agarrando na saia do vestido de seda com as duas mãos, meteu-se no espaço apertado e começou a subir, contando instintivamente os degraus em italiano *uno, due, tre*, perguntando a si mesma se Atlas teria passado algum tempo em Itália naquele ano ou se estivera na Europa. Equilibrada no último degrau, Avery estendeu a mão para abrir o alçapão e saiu, ansiosa, para a escuridão varrida pelo vento.

Por cima do rugido do vento a jovem, com os pés nus nas lajes metálicas da plataforma, ouvia o barulho das diversas máquinas à sua volta, metidas nas respectivas caixas resistentes às intempéries. Os suportes de aço saíam em arco dos quatro cantos e juntavam-se ao meio para formar o pináculo icónico da Torre.

A noite estava límpida, sem nuvens que lhe humedecessem as pestanas ou a pele. As estrelas brilhavam como vidros partidos na vastidão escura do céu nocturno. Se fosse descoberta, ficaria de castigo para toda a vida. O acesso aos pisos acima do 150 era proibido. O acesso ao exterior, acima do andar 150, era proibido. Os terraços acima daquele nível estavam protegidos dos ventos furiosos por pesados painéis de polietileno.

Avery interrogou-se se já mais alguém teria estado ali. Ao longo de um dos lados do telhado havia grades de segurança, se calhar para os trabalhadores da manutenção, mas ela nunca vira nenhum.

A jovem nunca dissera nada a Atlas, um dos dois segredos que nunca lhe contara. Se ele descobrisse, proibi-la-ia de voltar e ela não suportava a ideia de desistir daquele seu segredo, já que adorava o vento a bater-lhe



no rosto, a emaranhar-lhe os cabelos e a fazer-lhe chegar as lágrimas aos olhos, rugindo de tal modo que lhe afogava os pensamentos.

Avery aproximou-se da beira, saboreando a sensação de vertigem no estômago enquanto olhava para a cidade e para os monocarris que serpenteavam pelo ar como serpentes fluorescentes. O horizonte parecia impossivelmente longe. A jovem conseguia ver as luzes de Nova Jérсия a oeste, as ruas de Sprawl a sul, Brooklyn a leste e, mais longe, o brilho estranho do Atlântico.

E por baixo dos seus pés nus estava a maior estrutura do mundo, um verdadeiro mundo em si. Era estranho haver milhões de pessoas por baixo dela, naquele momento, a comer, a dormir, a sonhar, a fazer amor. Avery pestanejou, sentindo-se, de súbito, muito só. Todas elas eram estranhas, mesmo as que ela conhecia. De facto estava-se nas tintas para elas e até para si.

Avery pousou os cotovelos no corrimão e estremeceu. *Um movimento errado e cairia dali abaixo*, pensou ela pela enésima vez, perguntando como seria uma queda de dois mil e quinhentos metros, imaginando que a falta de peso devia ser estranhamente pacífica, pelo menos até atingir a velocidade terminal. E morreria de ataque cardíaco muito antes de atingir o chão. Fechando os olhos, a jovem inclinou-se para a frente, dobrando as unhas dos pés pintadas de prateado sobre a borda, e de repente abriu as pálpebras ao sentir nas lentes de contacto a aproximação de uma mensagem.

A jovem, sentindo uma onda de excitação a percorrê-la, hesitou ao ver o nome, já que conseguira não pensar nele o Verão todo, primeiro durante os estudos em Florença e na companhia de Zay, mas um momento depois virou-se e desceu a escada.

– Olá – murmurou ela sem fôlego já na copa, apesar de não estar ninguém a ouvir. – Há muito tempo que não ligavas. Onde estás?

– Num sítio novo. Ias adorar – sussurrou-lhe ele ao ouvido com a mesma voz quente e rica de sempre. – Como vão as coisas, *Aves*?

E lá estava a razão pela qual Avery precisava de enfrentar uma tempestade de vento para escapar aos seus pensamentos, a tal parte da sua engenharia que correria muitíssimo mal.

No outro lado da ligação estava Atlas, o seu irmão, e a razão pela qual ela nunca quisera beijar mais ninguém.